

página 5

irá aceitar mutualizações de questões negativas para os contribuintes alemães.

Como é que Portugal deve posicionar-se nesse debate?

Precisa de ler bem o que são e para onde vão as reformas do eixo franco-alemão. Portugal tem sido partidário da união bancária, da mutualização da dívida, dos eurobonds, tem acompanhado esta agenda reformista. Saber se os custos políticos dessa agenda são mais draconianos ou mais flexíveis é o que tem de ser avaliado. De acordo com a tradição da política europeia portuguesa, nós vamos estar no pelotão da frente. Mas, se eu fosse político, não me atravessaria com nenhuma posição sem conhecer os termos das reformas finais.

A Alemanha já parece admitir um orçamento comum na Zona Euro.

Angela Merkel. Se a grande coligação se mantiver, o rumo de aproximação às políticas de Macron será mais fácil.

A Zona Euro vai ser o motor do sonho federalista dos fundadores?

Quando se passa para uma moeda única, estamos num estado federativo quase puro. Mas é preciso corrigir muita coisa, porque a moeda foi mal desenhada e os Estados não se prepararam. É isso que a presidência Macron quer fazer. Vamos ver se há essa flexibilidade da parte alemã. É evidente que, quando se abdica da moeda, estamos num estado de total simbiose federativa. É a génese da moeda única. A maior parte dos Estados da UE está na Zona Euro e, portanto, é natural que a força dos Estados no seu conjunto também reflecta uma centralidade desse bloco. E no cenário do Brexit é natural que o eixo franco-alemão seja o motor de uma zona e da política comunitária. Depois vai ser pedido aos Estados que acompanhem as reformas que venham a existir. O que tem custos políticos, financeiros e orçamentais.

Essa reforma da Zona Euro vai requerer contenção orçamental adicional?

Se houver mais contenção orçamental, mais implacabilidade no cumprimento das regras, os Estados têm de tomar opções. Não podem é dizer que sim, “estamos conscientes disso, vamos assinar essas reformas” e depois, à mínima dificuldade, virem dizer que precisam de mais tempo para as cumprirem.

O que já foi feito por França, Itália e Alemanha. É preciso impedir que se repitam essas situações?

É preciso encontrar uma arquitectura que preveja momentos de excepção. Isso não foi encontrado. É preciso que haja preparação orçamental comum para colmatar um momento como o da Grécia, sejam



Há alguma consciência de que o discurso político tem de regressar. Os ministros das Finanças não podem ser os ministros principais dos Estados.

quais forem as razões. A Alemanha também já ultrapassou os 3% do défice e nem é o país mais ortodoxo. A Holanda é super-ortodoxa.

A Finlândia já foi mais.

Os países, quando enfrentam dificuldades, também percebem os outros lados.

Muitas vezes, partidos e políticos são penalizados ao nível interno devido à incapacidade, própria e da UE, de transmitir os méritos e os benefícios da integração europeia. Porque é que isso acontece?

Porque os discursos dos méritos da UE nunca foram trabalhados. Foram esquecidos, despolitizados e alvo de excessiva financeirização. Mais três, menos três. Os líderes políticos não são líderes de bancos, mas de nações e instituições. São líderes políticos e têm de perceber o que é político

e têm de ter um discurso coincidente. Felizmente, há alguma consciência de que o discurso político tem de regressar. Os ministros das Finanças não podem ser os ministros principais dos Estados e mandar mais do que os primeiros-ministros. Os protagonistas têm de perceber que precisam passar mensagens entendíveis.

Defende a retirada de poder ao Eurogrupo?

O Eurogrupo seria outra entrevista. É o efeito do actual debate. É a oficialização de um órgão que não é uma instituição europeia. Que está vagamente definido e enquadrado no Tratado de Lisboa e que tem uma preponderância brutal na política europeia. Com a agravante de ter como líder alguém que acumula com a pasta das Finanças nacionais.

Portugal não deve promover Mário Centeno para esse cargo?

O que Portugal devia dizer é que quer alguém para “chairman” do Eurogrupo que esteja a tempo inteiro e que não tenha uma pasta acumulada. Tem de haver uma revisão cirúrgica do Tratado para enquadrar de outra forma o Eurogrupo. Não podemos ceder ao “nós queremos lá o Centeno”.

É preciso institucionalizar o Eurogrupo?

O Eurogrupo auto-institucionalizou-se. Opera numa órbita de excesso de poder sem enquadramento.

Depois dos resultados eleitorais na Holanda e em França, a ameaça nacional-populista foi mesmo afastada?

Até agora, as coisas têm corrido bem. Ao contrário do que muita gente dizia, e recorrendo a uma expressão do antigo primeiro-ministro, de que vinha aí o diabo, no caso europeu esse alarmismo foi muito positivo. Devo dizer que, à minha escala, contribuí muitíssimo para esse alarmismo. Alarmismo nacionalista, proteccionista. O que foi importante para mobilizar o antinacionalismo. Só isso explica que na Holanda 80% das pessoas tenham ido votar e que, em França, a segunda volta tenha tido o resultado que teve.

Continua a faltar mobilizar a geração dos dados adquiridos?

Quando estes dados adquiridos são postos em causa e há um projecto para os matar, esse é um combate de uma geração. Sou da geração Erasmus. É uma geração não mobilizada por uma luta geracional. Por isso, o alarmismo, se bem trabalhado politicamente, pode ser um extra de motivação, o comprometimento político com uma luta geracional. Uma luta contra o populismo nacionalista é uma luta pela nossa existência, pelo nosso bem-estar. Temos de estar nessa primeira linha, nós que acre-

ditamos nisto e somos filhos disto.

Para já, apenas se ganhou tempo?

Tudo vai depender do curto prazo, três anos. Será muito importante a performance política e económica, sobretudo da Zona Euro, que será o bloco central da UE. É a partir da dinâmica do aproximar ou esbater das desigualdades económicas entre economias como a grega, a francesa, a alemã ou holandesa, que se vai perceber se se combate o desemprego, se se baixam os níveis de intensidade anti-Bruxelas, se os próprios conceitos e acusações extravasam os limites do aceitável do tipo “nós pagamos e vocês gastam”. Muitos países contribuíram para esse debate, muitos estão arrependidos, estou convencido de que a senhora Merkel está arrependida de uma série de terminologia que usou ao princípio. Para já, esses níveis de intensidade acalmaram.

